

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

O desenvolvimento da curiosidade epistemológica: uma aprendizagem necessária ao processo de formação permanente de professores(as) no cotidiano escolar - novas reflexões¹

Prof.^a Ana Lúcia Souza de Freitas²

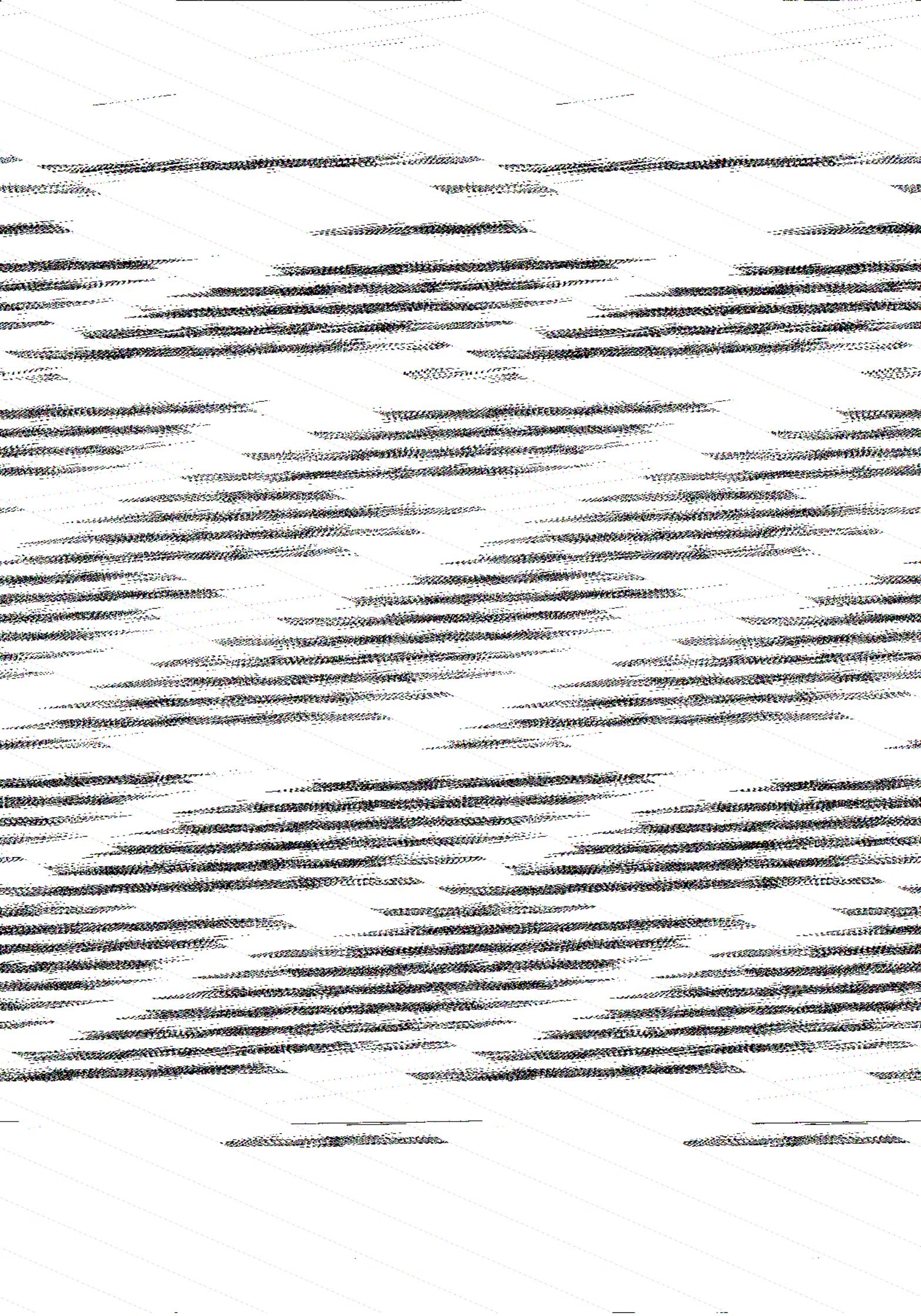
Introdução

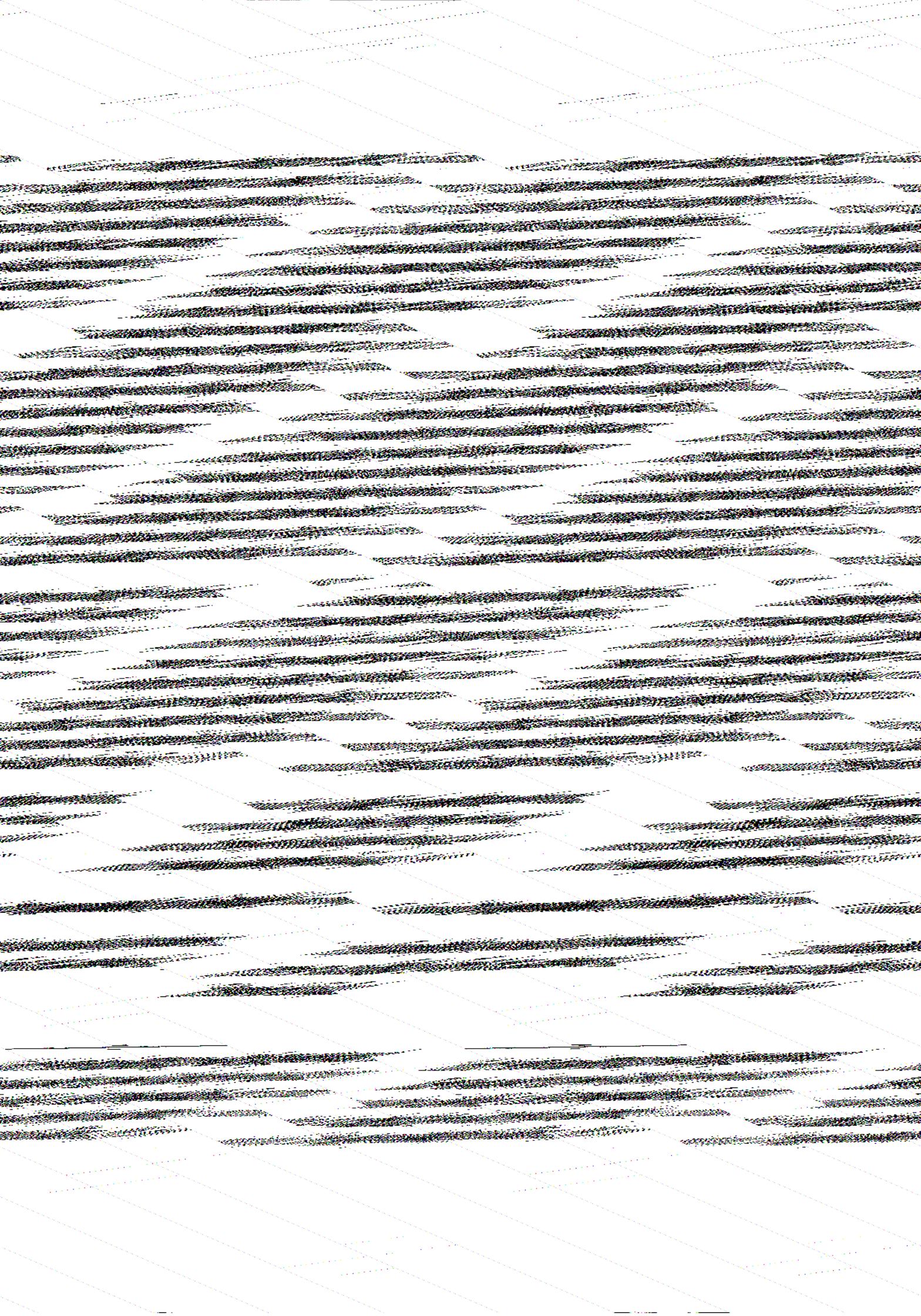
O trabalho que hoje apresento faz parte do estudo e reflexões que venho realizando, com diferentes interlocutores(as), sobre o que Freire chamou de “*curiosidade epistemológica*”. Considero a participação nesse Fórum uma oportunidade privilegiada de ampliar a diversidade de interlocuções que permitam construir a compreensão desta associação criada por ele e que passa a ser uma presença constante em suas últimas obras. Esta compreensão poderá nos apontar caminhos para pensar a formação permanente de professores no âmbito do espaço formal da escola pública, partindo do pressuposto de ser este um dos caminhos para que se construa o compromisso coletivo em torno de uma educação transformadora e de qualidade para as classes populares. Uma formação que assuma o compromisso com a “*reinvenção*” da escola pública, tal como Freire sonhou e mostrou ser possível; uma formação a partir da qual se construa a crença na possibilidade de transformação da escola e o engajamento coletivo na luta pelas condições necessárias para que a escola possa “*ir ficando séria, rigorosa, competente e alegre*” (Freire, 1991 a, p.38)

Início fazendo uma reflexão sobre o sentido da educação para Freire, com o objetivo de situar a reflexão posterior que pretendo desenvolver em torno da importância que ele atribui à curiosidade para a construção do conhecimento. A seguir, analiso a relação que ele estabelece entre curiosidade, criticidade e construção do conhecimento, apresentando sua definição de “*curiosidade epistemológica*”. Relato como, no próprio exercício dela, ao vivenciar a possibilidade de dar rigorosidade às minhas buscas, construí a compreensão do significado desta “*curiosidade epistemológica*”, movida não só pelo desejo de ampliar a compreensão em torno dessa questão, mas também de, a partir dela, vislumbrar as possibilidades de transformação da minha prática enquanto educadora. Dessa forma, procurei remontar, através do estudo de suas obras, a possível trajetória percorrida por ele para chegar a essa definição. Incluo, na reflexão que hoje apresento, novos elementos que complementam minha reflexão anterior, buscando, nessas “*novas reflexões*”, ampliar a compreensão em torno do processo de “*promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica*” (Freire, 1996, p.51). Destaco a preocupação com o risco de cairmos na desvalorização do senso comum; mas, fundamentalmente, argumento a importância da compreensão desse processo para propor a construção do mesmo no cotidiano vivido pelos(as) professores(as) em sua formação permanente. E, por fim, proponho desafios aos educadores em geral a fim de que seja possível viabilizar uma proposta de formação permanente de professores

¹ O trabalho aqui apresentado constitui-se num aprofundamento do ensaio elaborado como trabalho de conclusão da disciplina: EDP-52- *O Ideário pedagógico de Paulo Freire e Jean Piaget* oferecida no 2º semestre de 1997 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, sob a coordenação dos professores: Balduino Antônio Andreola, Fernando Becker e Nilton Bueno Fischer. O trabalho anterior encontra-se em vias de publicação na Revista de Educação da PUCRS. A análise dessa categoria faz parte do estudo do referencial teórico de minha proposta de dissertação de mestrado.

² Mestranda em Educação pela PUCRS, licenciada em Pedagogia com Habilitação em Supervisão Escolar e Curso de Especialização em Supervisão Educacional pela Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras; professora do Curso de Pedagogia do Centro Educacional La Salle de Ensino Superior; professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.





Carlos Torres: (...)Qual é a herança de Paulo Freire para nós, educadores latino-americanos e de outras partes do mundo? (...)

Paulo Freire: Qual a herança que posso deixar? Exatamente uma. Penso que poderá ser dito quando já não esteja no mundo: Paulo Freire foi um homem que amou. Ele não podia compreender a vida e a existência humana sem amor e sem a busca de conhecimento. Paulo Freire viveu, amou e tentou saber. Por isso mesmo, foi um ser constantemente curioso. (Freire, 1991 a, p. 139-140)

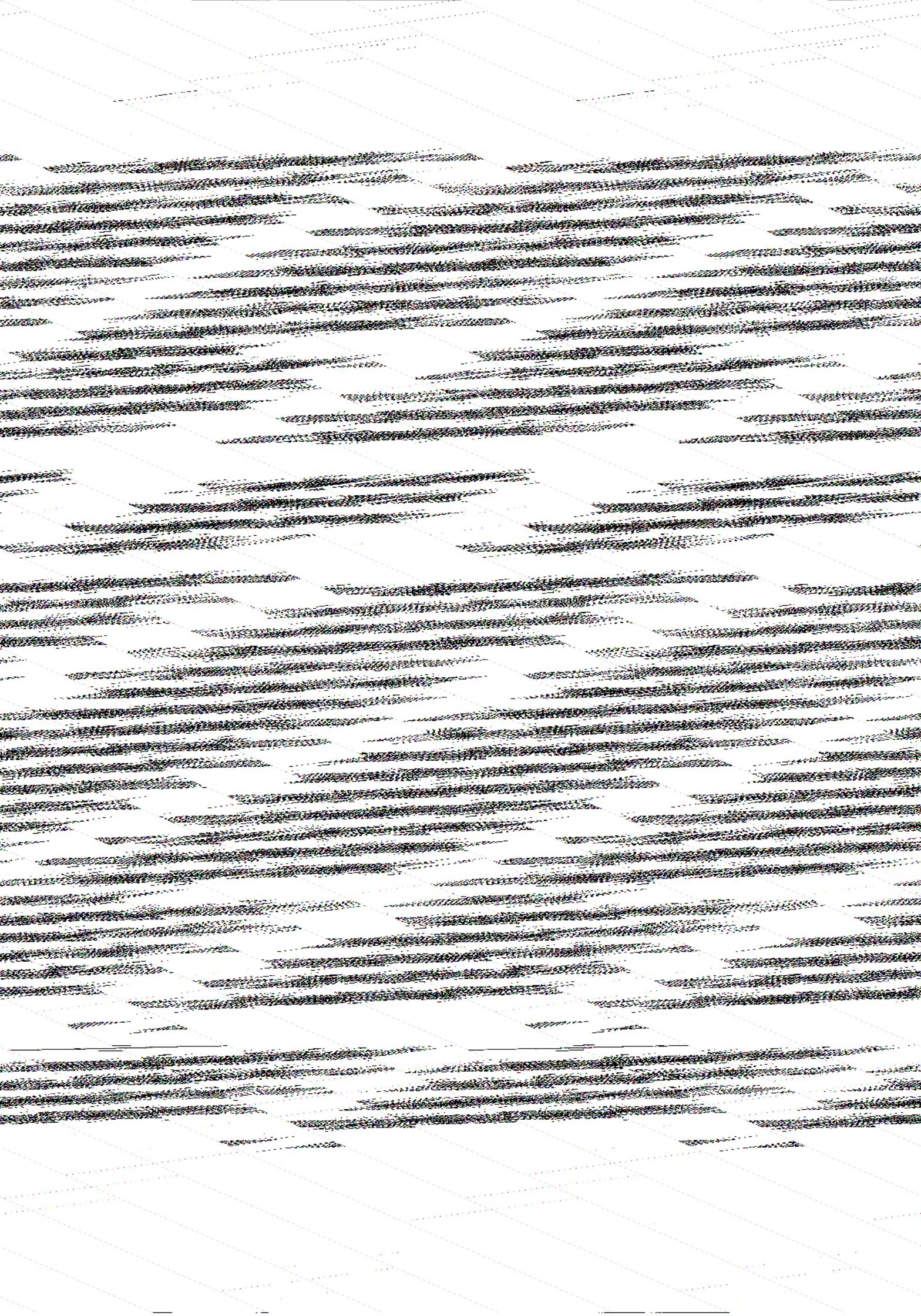
Freire considera a curiosidade enquanto uma necessidade ontológica do ser humano; característica fundamental em sua busca permanente de saberes que lhe possibilitem a criação e recriação de sua própria existência; “*uma espécie de abertura à compreensão do que se acha na órbita do ser desafiado*” (Freire, 1995, p.76). Para ele, essa curiosidade, ao ultrapassar “*os limites que lhe são peculiares do domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento*” (Freire, 1996, p.61).

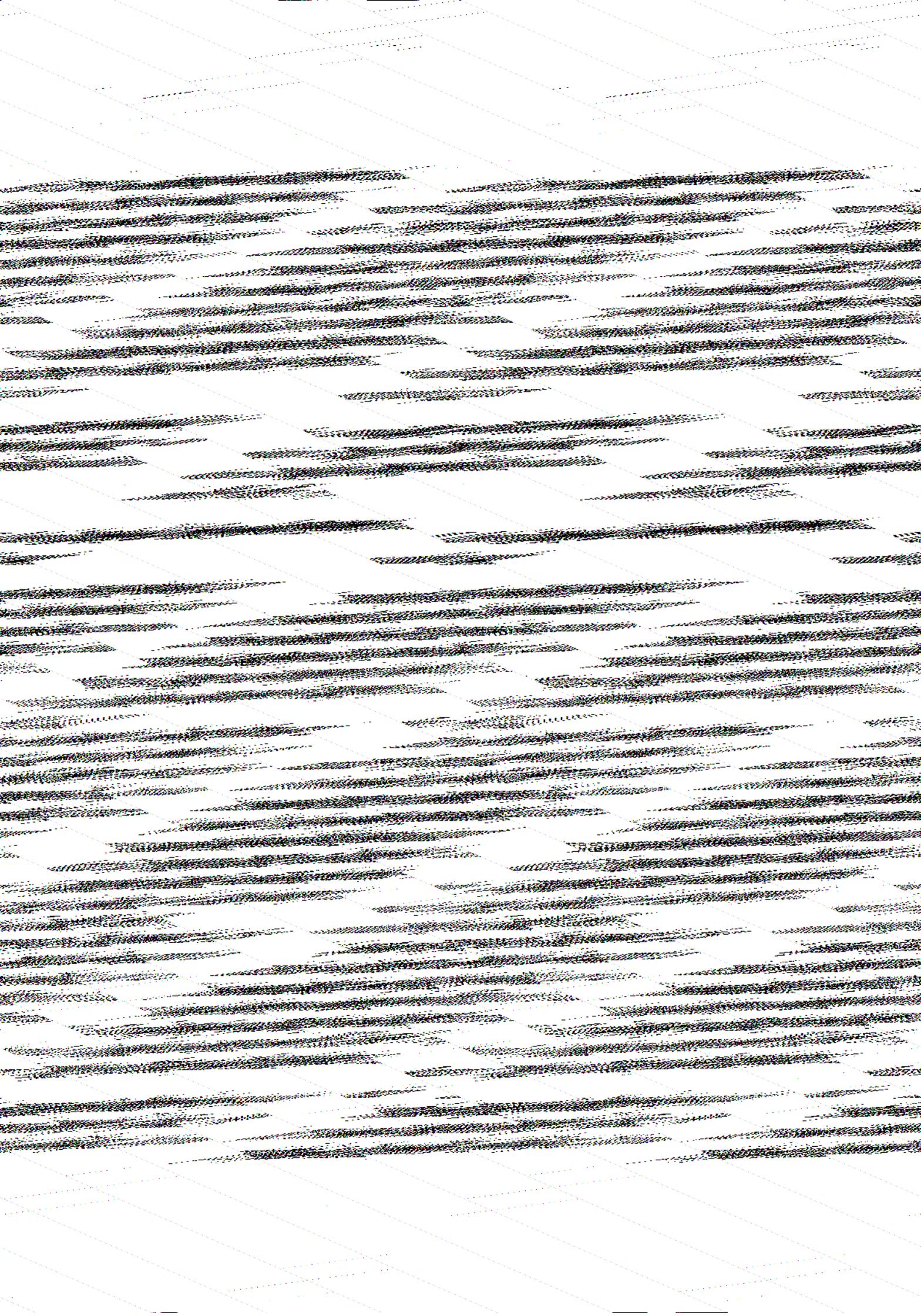
Ao definir a educação como “*um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade*” (Freire, 1979 a, p. 25), considera os atos de ensinar e aprender, que caracterizam a natureza da prática educativa, enquanto “*dimensões do processo maior - o de conhecer*” (Freire, 1992, p.110). Propõe, nessa perspectiva crítica de conhecer, em oposição à “*concepção de educação bancária*”, castradora da curiosidade dos educandos, uma “*concepção problematizadora e libertadora de educação*” a partir da qual seja “*a capacidade de conhecer associada à curiosidade em torno do objeto*” (Freire, 1978, p.9). Dessa forma a educação para a conscientização se constituirá numa vivência permanente do “*desafio à curiosidade ingênua do educando para, com ele, partilhar a criticidade*” (Freire, 1995, p.79) e ir forjando a constituição da “*curiosidade epistemológica*”. Para Freire (1996), “*a conscientização é exigência humana, é um dos caminhos para a posta em prática da curiosidade epistemológica*”. (p.60).

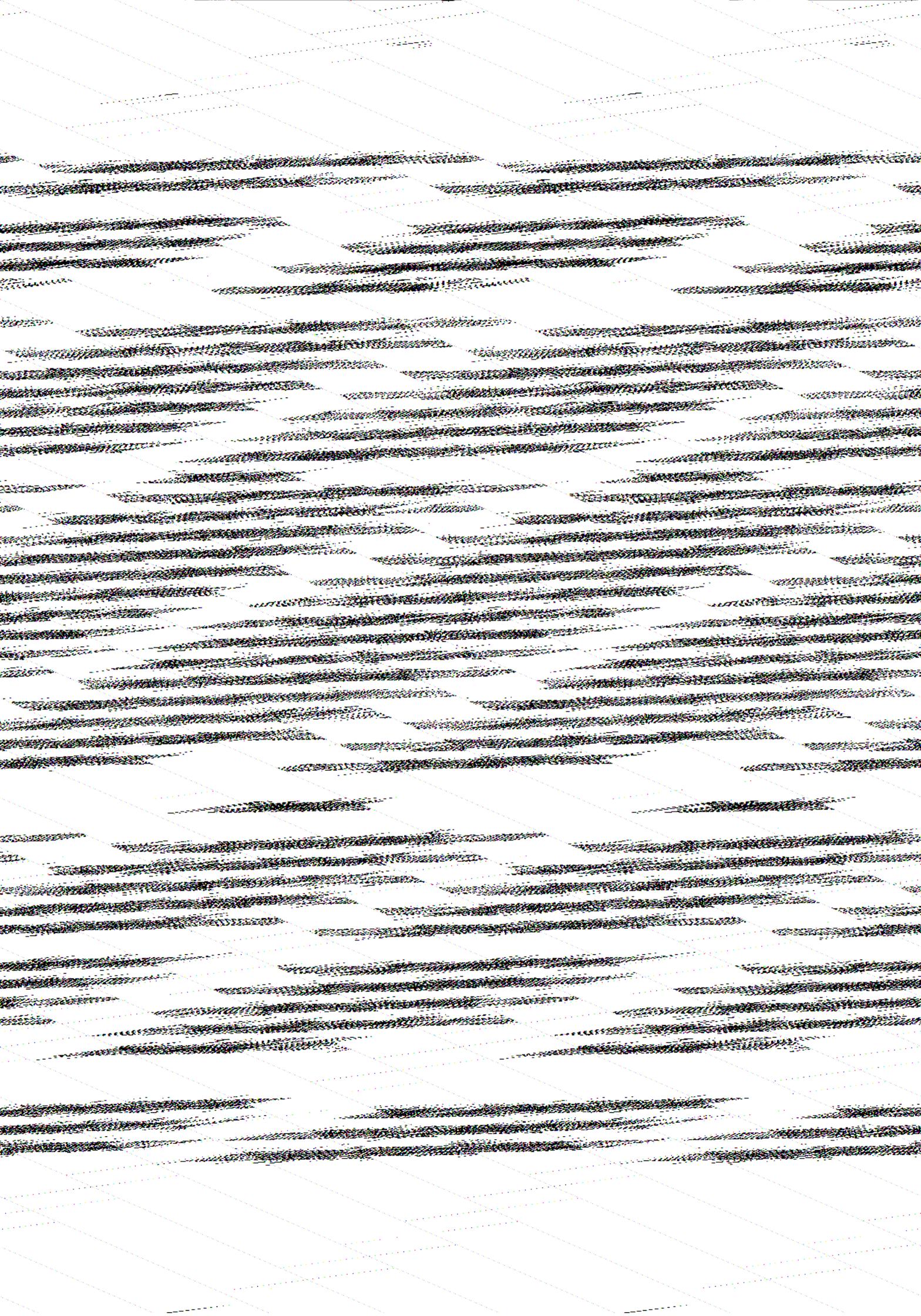
A leitura da obra *A Sombra Desta Mangueira* (1995) colocou-me em contato pela primeira vez com a expressão “*curiosidade epistemológica*”; não naquela leitura inicial, curiosa mas despreocupada, destituída da “*rigoriedade metódica*” necessária ao ato de estudar. Pude perceber criticamente a presença dessa expressão no texto somente quando retomei a leitura dessa obra, enquanto estudo, buscando adentrar “*na intimidade do texto para apreender sua mais profunda significação*” (Freire, 1992, p.76). Nesse segundo movimento, percebi a necessidade da compreensão dessa expressão para uma leitura crítica da obra, ao observar a ênfase empregada nas repetidas vezes em que Freire trabalha essa questão, referindo-se à “*importância de educar a curiosidade (...) curiosidade indispensável ao processo cognitivo*” (Freire, 1995, p. 19).

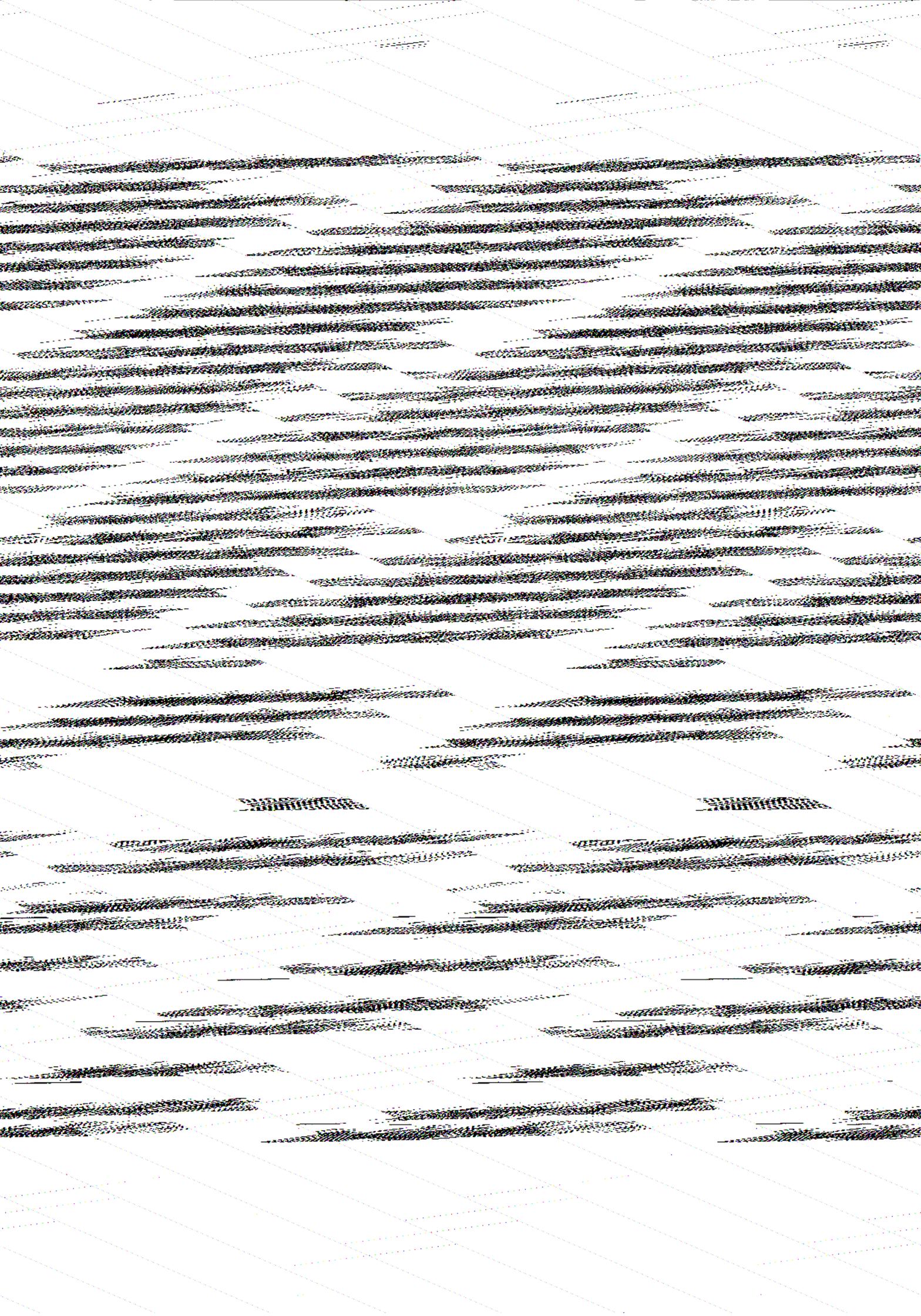
Ainda nessa obra, lembrando seu diálogo com Antônio Faundez em *Por uma Pedagogia da Pergunta* (1985), Freire retoma a necessidade de uma educação que aguçe, estimule e reforce a curiosidade, uma educação da pergunta; pois “*Perguntar e responder são caminhos constitutivos da curiosidade.*” (p. 19) Tal afirmação reforçou minha intuição sobre a importância dessa “*curiosidade epistemológica*” para pensar a educação no espaço formal da escola e me propus, a partir disso, a ir em busca de outras obras de Freire que trabalhassem essa questão.

Foi possível perceber, a partir do estudo rigoroso de suas obras, os diferentes adjetivos que foram sendo atribuídos a essa curiosidade que se relaciona ao ato de conhecer, identificando assim, o momento da criação da expressão “*curiosidade epistemológica*”. A “*curiosidade radical de quem busca e de quem quer conhecer*” (Freire, 1991 a, p.59) denomina-se a seguir de “*curiosidade intelectual*” (Freire, 1992, p.71), aquela “*curiosidade que opera epistemologicamente*” (ibidem, p.109) caracteriza-se também como uma “*curiosidade sempre desperta*” (Freire, 1993 b, p.16) que, aliada a sua clareza política, é um dos melhores instrumentos na defesa de direitos.









- _____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Política e Educação: ensaios.** São Paulo, Cortez, 1993 a. (3ª edição brasileira -1997)
- _____. **Professora, sim; tia, não.: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo, Olho D'Água, 1993 b.
- _____. **Cartas à Cristina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994 a.
- _____. **Reagindo sobre este texto...** In: NOGUEIRA, Adriano (org.). **Contribuições da interdisciplinaridade para a ciência, para a educação, para o trabalho sindical.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, b.
- _____. **À Sombra desta Mangueira.** São Paulo: Olho D'Água, 1995.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo; Faundez, Antônio. **Por uma Pedagogia da Pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo; Shor, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.